

A MANTA DE BEBÊ

Winona Smith

Em um sábado de primavera, embora muitas atividades clamassem por minha atenção, escolhi sentar-me para fazer crochê, uma atividade que eu apreciava, apesar de já ter achado que seria inatingível para mim.

Quase nunca me importo de ser desajeitada; aliás, até sinto certo orgulho disso. Mas devo admitir que essa particularidade me causou alguns problemas três anos atrás, quando quis ajudar em um dos projetos da igreja.

Fomos convidadas a fazer mantas de bebê em crochê, que, no Natal, seriam doadas para o centro de atendimento a grávidas em dificuldades. Eu queria participar, mas não sabia fazer crochê, e o fato de ser canhota também não ajudava em nada.

Imagino que querer é poder, pois algumas das mulheres se reuniram e me ensinaram um ponto de crochê. Era tudo o que eu precisava. Aprendi esse ponto, o ponto da vovó, e, pouco tempo depois, já tinha feito uma manta de bebê. Fiquei tão orgulhosa com essa pequena conquista, que inexplicavelmente pareceu tão importante, que fiz um bom número delas naquele mesmo ano.

Cheguei até a incluir em cada manta de bebê um bilhete de encorajamento, um poema que escrevera:

As meninas são doces em seus vestidos franzidos e cor-de-rosa.
Os meninos em macacão ficam divinos.
Não importa, porém, qual deles o Senhor dará a você,
Mas Ele não poderia achar uma mãe melhor para este bebê.

De repente, meus pensamentos foram interrompidos pelo soar do telefone. Apressei-me para atendê-lo, e, para minha surpresa e alegria, Karen Sharp, uma de minhas melhores amigas desde o ensino elementar, estava do outro lado da linha. Karen, o marido, Jim, e a filha deles, Kim, mudaram daqui alguns anos atrás. Ela estava telefonando para dizer que ficaria na cidade cerca de dois dias e gostaria muito de visitar-me. Fiquei emocionada ao escutar a voz dela.

Por fim, a campainha tocou. Quando abri a porta, nós duas gritamos, como fazíamos nos tempos de escola. Abraçamo-nos, e, a seguir, as perguntas começaram a jorrar. Depois, levei Karen para a cozinha, onde servi chá gelado para nós duas, e o bate-papo ganhou um novo ritmo, mais lento e calmo.

Para minha alegria, Karen parecia calma, descansada e, acima de tudo, confiante, qualidades que pensei que ela perdera nos meses que precederam a sua mudança. Fiquei imaginando o que teria acarretado essa mudança para melhor.

Enquanto conversávamos e recordávamos, Karen começou a explicar a verdadeira razão pela qual sua família mudara alguns anos atrás. Até esse momento, conforme contaram aos amigos, o motivo da mudança tinha sido uma oferta de trabalho irrecusável que Jim recebera. Embora aquele fosse

o último ano de Kim no ensino médio, eles acharam que a mudança seria necessária. Aparentemente, essa não era a razão principal.

Karen abriu a bolsa e tirou uma fotografia. Quando me entregou, vi uma menina de dois ou três anos na foto.

– Essa é a minha neta, Kayla – disse Karen.

Mal pude acreditar.

– Você? Avó? – perguntei. – Não dá para acreditar.

– Bem – explicou Karen –, Kim estava grávida quando nos mudamos. Tínhamos acabado de descobrir, e Kim atravessava um momento difícil de aceitar. Ela chegou até a considerar o suicídio. Nós estávamos quase ficando loucos, portanto decidimos nos mudar na esperança de que ela se ajustasse mais facilmente à situação. Quando chegamos a nossa à nova casa, esperávamos que as perspectivas de Kim melhorassem, mas ela ficou ainda mais deprimida. Independentemente do que disséssemos ela se sentia uma inútil, uma derrotada. Mas encontramos a Sra. Barber, uma conselheira incrível especializada em gravidez. Ela ajudou Kim em momentos extremamente difíceis.

– Quando o momento do parto chegou – continuou ela – Kim ainda não decidira se queria ficar com o bebê ou não. O pai dela e eu oramos para que aceitasse aquele bebê. Estávamos preparados para oferecer ao bebê um lar afetuoso – afinal, esse seria nosso primeiro neto.

– Por fim – falou Karen – o dia chegou e Kim teve um bebê de 4,350 kg. A Sra. Barber, quando foi visitá-la no hospital, abraçou Kim e lhe disse que se orgulhava muito dela. A seguir, entregou-me um pacote, embrulhado em um papel de cor pastel, que continha uma manta de bebê de crochê, feita à mão.

Nesse instante de sua história, senti um nó na garganta, e meu corpo todo começou a tremer, mas tentei disfarçar e continuei ouvindo a história de Karen:

– Como disse, havia uma manta de bebê e um bilhete, que falava sobre as meninas e os vestidos franzidos, os meninos e os macacões, além de uma palavra de encorajamento sobre ser mãe para as novatas.

– Perguntamos quem havia feito as mantas – prosseguiu Karen. A Sra. Barber explicou que alguns centros de atendimento a grávidas doavam essas mantas para os bebês e as mães novatas. O centro para o qual trabalhava recebera um excedente de mantas de bebê de outro centro do Estado, e ela ficou feliz em poder dar uma manta de bebê para Kim. Kim ficou emocionada, pois urna estranha dedicara tempo e energia para fazer uma manta para seu bebê. Ela me disse que essa atitude a fizera sentir-se totalmente reconfortada. Mais tarde, ela me contou e a seu pai que esse pequeno poema aumentou sua confiança e a ajudou em sua decisão de ficar com Kayla. A história de Karen tem um final ainda mais feliz: um ano depois, Kim casou-se com um jovem que ama as duas, Kim e Kayla, de todo coração. Karen sorria enquanto contava a história, mas, a seguir, ficou circunspecta. – Meu único arrependimento é que, em vez de ir embora, não fui capaz de contar para nossos amigos aqui tudo o que estava acontecendo para conseguir o apoio e o conforto deles – disse Karen. – Temos tanto a agradecer – continuou ela. – Especialmente, o desfecho de tudo. No entanto, nossa maior gratidão é para com a pessoa gentil que fez a manta para o bebê de nossa filha. Gostaria apenas de abraçá-la e dizer o

quanto nossa família a ama e a aprecia. Olhei mais uma vez a foto que estava em minhas mãos, daquela doce menina, depois, virei-me para Karen e lhe dei um grande abraço.

Nenhum suspiro dado, nenhuma dor sentida, nenhum pesar, fere a alma,
mas a palpitação acompanha o pulsar do coração do Senhor.

AUTOR DESCONHECIDO